

# UM NOVO CONCEITO DE NAÇÃO



Saskia Sassen

A globalização e o advento de novas tecnologias de comunicação, como a internet, têm mudado o modo como as nações – e o próprio conceito de nacionalidade – são vistos atualmente. Os impactos desses processos vêm sendo estudados desde a década de 1980 pela socióloga e economista holandesa naturalizada norte-americana Saskia Sassen. Ela é considerada uma das principais especialistas em sociologia urbana e de processos transnacionais, tendo cunhado a expressão ‘cidade global’ para descrever a nova realidade das grandes metrópoles.

Professora da Universidade de Chicago (Estados Unidos) e da Escola de Economia de Londres (Inglaterra), Sassen, que está lançando um novo livro ainda sem tradução, *Territory, authority, rights: from medieval to global assemblages* (algo como ‘Territórios, autoridade, direitos: de associações medievais a globais’), esteve no Rio de Janeiro em setembro para participar do seminário internacional ‘Desenvolvimento em questão: que sociedade da informação e do conhecimento?’, realizado em parceria entre a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict). Pouco antes de embarcar para o Brasil, ela concedeu esta entrevista à *Ciência Hoje*, em que falou sobre cidades globais, o impacto da internet e da globalização e o uso da língua inglesa.

**Carlos Medeiros**

*Instituto de Economia,  
Universidade Federal do Rio Janeiro*

**Fred Furtado**

*Ciência Hoje/RJ*

**A senhora pode explicar o que exatamente é uma cidade global?**

Uma cidade global é tanto uma entidade econômica quanto política. O aspecto econômico está no fato de ela ter a capacidade necessária para administrar as operações globais de companhias e mercados, na forma de infra-estrutura de primeira linha, bairros empresariais, instalações residenciais e de entretenimento de alta qualidade, e mercados para talentos. A parte política pode ser representada pela noção de as cidades globais serem um novo tipo de zona de fronteira: tanto o capital corporativo global quanto os grupos urbanos excluídos na atualidade encontram nessas cidades um espaço estratégico. O capital chega às ruas, tornando-se concreto, transformando-se em edifícios, infra-estrutura, profissionais e seus estilos de vida. Essa dinâmica aumenta a demanda por espaço urbano que supera as necessidades e prazeres desse grupo e, conseqüentemente, resulta em alta de preços. Assim, o espaço urbano fica politizado à medida que cada vez mais as classes de baixo poder aquisitivo, e mesmo as médias, são deslocadas – tornando-se, em alguns casos, sem-teto – e pequenas lojas com baixa taxa de lucro são fechadas e substituídas por comércio e restaurantes elegantes e carros. Os excluídos também se politizam nesse processo, mesmo que eles não se organizem ou operem por sistemas políticos normais. Aqueles que estão perdendo se reconhecem e percebem que não estão sozinhos. O vasto poder das cidades globais e a velocidade com a qual as cidades são reconstruídas fazem com que essa politização seja diferente daquela de eras passadas. No meu novo livro, abordo detalhadamente essas possibilidades através de categorias que não as de 'nacional' e de 'Estado nacional'. Isso nos permite ver um mundo crescente de política que é parcialmente informal e está fora da estrutura da política nacional.

**Quais são as principais cidades globais atualmente e o que isso significa para os seus habitantes?**

A situação para os habitantes é aquela que eu descrevi na pergunta anterior. Podemos acrescentar que a classe média baixa tende a deixar as cidades, as quais se tornaram muito caras e pouco atraentes para se viver quando não se é da classe média alta. Quanto às principais cidades globais, há um grupo de cerca de 25 cidades, que inclui São Paulo. Dentro desse conjunto, há algumas que são particularmente poderosas na rede global: Nova York, Londres, Tóquio, Paris e Frankfurt. Na segunda camada estão

lugares tão diversos quanto Dubai, Buenos Aires, Taipé e Joanesburgo.

**Um dos critérios que a senhora usa para definir cidades globais é ter os recursos e competências necessários para gerir operações globais relacionadas a companhias ou mercados nacionais ou internacionais.**

**Essa definição poderia também ser aplicada a cidades antigas que foram potências comerciais ou militares, como Veneza ou Roma?**

Vocês levantam uma questão interessante. Eu imaginaria que as velhas Roma e Veneza estariam mais para cidades do mundo. Eu criei a expressão cidade global justamente para diferenciá-la da noção atemporal de cidade do mundo. Queria me concentrar nas especificidades das cidades atuais na economia mundial. Contudo, vocês estão corretos em sugerir que as capacidades de coordenação, gestão e suporte das operações de mercadores internacionais, no caso de Veneza, e de operações militares, no caso de Roma, têm um paralelo com as funções das muitas cidades globais.

**Os excluídos também se politizam nesse processo, mesmo que eles não se organizem ou operem por sistemas políticos normais. Aqueles que estão perdendo se reconhecem e percebem que não estão sozinhos**

**Como as extraordinárias inovações em comunicação que foram desenvolvidas na última década estão redefinindo o território nacional e seu espaço político?**

De várias maneiras, sendo uma delas os poderosos atores econômicos e da sociedade civil que podem desterritorializar parcialmente suas operações. Não é meramente uma questão de internacionalizá-las – algo que alguns deles já vêm fazendo há anos –, mas o fato de que, através de novas tecnologias, eles podem moldar uma espécie de terceiro espaço para operações e comunicações. Um exemplo disso é o mercado financeiro global. Outro, bem diferente, é a proliferação de redes eletrônicas de ativistas que incluem indivíduos que nunca viajam e organizações com poucos recursos. O importante aqui é que entidades imóveis também podem ser parte da política global através dessas redes. Isso acontece também por meio de uma subjetividade emergente, uma consciência de ser parte de uma rede global maior. Um terceiro exemplo é o das diásporas globalizadas: ▶

em vez de um padrão de radiação onde todos os grupos da diáspora estão concentrados na terra natal, há um crescimento das comunicações laterais, fomentado pela internet. Além disso, mesmo que só existam dois ou três integrantes da diáspora em algum lugar, eles podem ser parte da versão globalizada. Esses são três casos, mas há mais. Todos têm o efeito de perfurar, desestabilizar a coesão da nação.

**Um dos meus passatempos é listar todos os direitos, aqueles pequenos, que nós, cidadãos dos Estados Unidos, temos perdido. Essas perdas vão além dos conhecidos direitos sociais que desapareceram com a diminuição do Estado do bem-estar**

Penso nisso como uma dinâmica que parcialmente (e apenas parcialmente) desnacionaliza o que foi historicamente construído como nacional. Essa é uma mudança na fundação, mesmo que parcial.

**Quais são as novas questões levantadas pela globalização e pelo processo de distribuição da informação em relação aos direitos individuais, à liberdade e à cidadania?**

Como cidadãos, ganhamos direitos por meio do regime de direitos humanos e de sua crescente institucionalização nos últimos anos. Entretanto, um dos meus passatempos é listar todos os direitos, aqueles pequenos, que nós, cidadãos dos Estados Unidos, temos perdido. Essas perdas vão além dos conhecidos direitos sociais que desapareceram com a diminuição do estado do bem-estar. Outro aspecto negativo

**Alguns dos *blogs* que não são escritos em inglês estão se tornando um veículo para questões locais ou nacionais que não fazem parte do foco da mídia global**

são as habilidades de vigilância que as novas tecnologias concedem àqueles com o poder e os recursos para comprá-las, tais como os Estados, infelizmente. Por outro lado, a globalização e as novas tecnologias também expandiram o terreno político para muitos indivíduos e grupos ao redor do mundo. A extensão disso varia enormemente entre os países

e as classes sociais, mas, ainda assim, eu diria que essa é uma tendência emergente que não vai desaparecer e vai se tornar mais forte. Ela beneficiará os excluídos também, como indiquei nas minhas respostas anteriores. Há ainda uma dimensão subjetiva, elusiva, difícil de perceber, mas que está lá. Ela nasce dos imaginários postos em funcionamento pela globalização e pela internet. É uma sensação de que estamos conectados a outros que lutam por objetivos similares, sejam eles a justiça social, o meio ambiente ou os direitos humanos. Por exemplo, acredito que quando os imigrantes, incluindo os ilegais, marcharam nas ruas dos Estados Unidos em março último, eles não estavam simplesmente pedindo cidadania norte-americana, eles queriam o direito de ter direitos. Isso é diferente daquele tipo de nacionalismo norte-americano apresentado pela mídia:

um grande amor pela América. Para mim, isso é o uso da cidadania como a maneira mais efetiva para se ter o direito de ter direitos. Essa luta se concentra em uma espécie de cidadania desnacionalizada, em vez de uma centrada na aliança exclusiva com um país e na disposição de morrer por ele.

**Muitas pessoas vêem a globalização como um processo de homogeneização cultural que, em vez de aproximar povos distintos pelas suas diferenças, destrói justamente essas particularidades. Essa é uma interpretação correta?**

Sim e não. Sim, se nos referirmos à globalização de empresas de mercados consumidores que, normalmente, se originam em poucos países, mais notadamente nos Estados Unidos, e espalham, ou tentam disseminar, seu poder pelo globo. Há certos produtos de consumo em quase todos os países – de lojas do McDonald's até determinados serviços de telefonia celular – cujas empresas costumam destruir firmas locais ou nacionais que produzam bens ou serviços equivalentes.

Não, porque precisamente em razão da globalização, da mídia global, da internet, as pessoas podem se tornar conscientes de suas diferenças e das dos outros; podem ser mais inquisitivas e curiosas sobre outras culturas. O risco aqui é que essas outras culturas, se não forem ocidentais, sejam transformadas em produto, sejam comercializadas. Mas as evidências disponíveis mostram, por exemplo, que houve um acentuado aumento no uso de línguas,

que não o inglês, na internet, como se as pessoas estivessem recuperando parte de sua herança, de sua cultura nativa. Alguns dos *blogs* que não são escritos em inglês estão se tornando um veículo para questões locais ou nacionais que não fazem parte do foco da mídia global. Tudo isso reforça a especificidade e a diversidade culturais.

**Como se pode pensar a questão de diversidade cultural em um mundo informacionalmente integrado pela mídia?**

Quando se coloca a questão dessa maneira, é realmente difícil. Por outro lado, as novas tecnologias da informação permitiram que indivíduos e grupos criassem sua própria minimídia global – *blogs*, sítios da internet, bate-papos virtuais. Vemos ainda uma proliferação de organizações da sociedade civil cujo objetivo é prover conectividade técnica de baixo custo a outras instituições similares, ou servir como distribuidores alternativos de informação, como a Indymedia.

**Considerando o acesso à informação como um vetor de poder político e econômico, como as novas tecnologias contribuem para a globalização assimétrica entre nações e indivíduos?**

Bem, essa é exatamente a questão. A assimetria não está presente apenas na luta do poder militar estatal contra guerrilhas, ela aparece também no confronto entre as mídias corporativa e individual, que eu discuto na resposta anterior, e na opção de desnacionalizar parcialmente a identidade do indivíduo – o estado nacional dá menos aos cidadãos hoje do que na maior parte do século 20. Assim, outras identidades se tornam mais atraentes: feminismo, orgulho *gay* e herança indígena, entre outros. A nova mídia pode ter um papel importante aqui, dando aos indivíduos e aos grupos acesso a outras pessoas e comunidades além das fronteiras, ou mesmo em outras vizinhanças de uma cidade ou regiões de um país.

**A senhora estudou a perda de poder dos Estados-nações para controlar o desenvolvimento. Pode-se dizer que a ascensão das grandes corporações como entidades transnacionais está diretamente relacionada com esse fenômeno?**

O cenário é mais complicado. Em primeiro lugar, o poder das corporações nacionais foi, em boa parte, outorgado pelo Estado por meio de novas leis, desre-

gulamentações, apoio militar do colonialismo e do neoimperialismo etc. De certa maneira, essas empresas querem um Estado forte, mas elas o querem para manter a ordem, seja com o sistema penal, com o poder militar imperial ou com um legislativo obediente, que passa as leis que o capital corporativo global deseja. Elas não querem um [presidente da Venezuela] Hugo Chávez, embora elas estejam se adaptando a ele; basta ver os novos contratos que as companhias petrolíferas assinaram após ele ter dobrado e triplicado a parcela de lucro governamental. A verdadeira mudança no aparato estatal não é tanto a perda de poder quanto a intensificação das diferenças internas: o executivo ganha um poder enorme, enquanto o legislativo perde. Além disso, o trabalho e as agendas estatais são parcialmente reorientados para atingir os objetivos da economia corporativa global. Considero isso a desnacionalização parcial do que antes eram políticas de trabalho estatais direcionadas ao nacional. No meu novo livro,

**De certa maneira, essas empresas querem um Estado forte, mas elas o querem para manter a ordem, seja com o sistema penal, com o poder militar imperial ou com um legislativo obediente, que passa as leis que o capital corporativo global deseja**

analiso essa transformação do Estado nacional, bem como a proliferação de associações especializadas de componentes que costumavam ser nacionais ou parte do aparato estatal e agora começam a desenhar novos sistemas transfronteiriços, que são tanto nacionais quanto globais.

**Quais as implicações nas relações de poder mundial decorrentes da afirmação da língua inglesa como principal veículo da comunicação global?**

A resposta mais rápida e óbvia é que ela contribui para o poder de certos países, certos sistemas de pensamento etc. Contudo, há tantos tipos de inglês falados em diversos países que pelo menos parte da questão deveria ser enfocada da seguinte maneira: depende de quem está falando. Karl Marx falava em inglês, assim como críticos radicais do capitalismo nos Estados Unidos, ou no Reino Unido, ou na Índia, ou na Austrália, ou em Belize. Talvez o desafio não seja apenas apoiar outras línguas, mas desnacionalizar o inglês. Eu gosto dessa idéia. ■